



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 02/04/2021 a 08/04/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
02/04/2021	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
05/04/2021	14,12	406,30	52,81	6,18	5,53
06/04/2021	14,18	406,40	53,92	6,15	5,54
07/04/2021	14,08	409,10	52,85	6,16	5,60
08/04/2021	14,15	406,80	53,38	6,28	5,79
Média	14,13	407,15	53,24	6,19	5,62

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	165,00	
RS – Não Me Toque	164,00	
RS – Londrina	158,00	
PR – Cascavel	158,00	
MT – C.N.Parecis	153,00	
MS – Maracaju	157,00	
GO - Rio Verde	161,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	82,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	82,00	
SC – Rio do Sul	85,00	
PR – Cascavel	87,00	
PR – Londrina	87,00	
MT – C.N.Parecis	72,00	
MS – Maracaju	82,00	
SP – Itapetininga	95,00	
SP – Campinas	97,00	CIF
GO – Rio Verde	78,00	
GO – Jataí	78,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	79,00	
RS – Não Me Toque	79,00	
PR – Londrina	87,00	
PR – Cascavel	87,00	

Período: 07/04/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 08/04/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	79,75	164,55	79,07

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
08/04/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	87,02
Feijão (saco 60 Kg)	295,00
Sorgo (saco 60 Kg)	62,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,03
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,89**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,68

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, não sustentaram as altas ocorridas após o anúncio dos relatórios do USDA no dia 31/03 e acabaram recuando um pouco nesta semana. Mesmo assim ficaram em melhor nível do que na semana passada. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (08) em US\$ 14,15/bushel, contra US\$ 14,02 uma semana antes.

O mercado se posicionou, durante a semana, em relação ao relatório de oferta e demanda do USDA, o qual será divulgado nesta sexta-feira (09) e que será comentado em nosso próximo boletim.

Ao mesmo tempo, as exportações de soja dos EUA se mantêm positivas. O país embarcou 298.252 toneladas na semana anterior, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial o país norte-americano exportou 54,4 milhões de toneladas até o momento, ou seja, 71% acima do realizado na mesma época do ano anterior.

Aqui no Brasil, com o câmbio oscilando entre R\$ 5,60 e R\$ 5,70 por dólar durante a semana, os preços da soja voltaram a subir um pouco, porém, parece terem encontrado, por enquanto, um limite. A média gaúcha ficou em R\$ 164,55/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 153,00 e R\$ 161,00/saco. Há cerca de um mês que os preços internos giram nestes níveis. Ou seja, a colheita, que vem sendo revisada para cima, segura os preços, porém, não está forçando baixas nos mesmos.

Na prática, existe uma demanda muito firme pela soja brasileira, em um momento em que Chicago se mantém com cotações ao redor de pouco mais de US\$ 14,00/bushel (entre cinco e seis dólares acima da média dos últimos anos) e o câmbio no Brasil atinge picos praticamente históricos em valores nominais.

A colheita brasileira atingia a 78% da área total em 1º de abril, estando agora exatamente na média histórica para esta data. Muitos Estados já encerraram a mesma, caso do Mato Grosso. Já no Rio Grande do Sul a colheita continua atrasada, porém, o volume final deverá ser recorde, superando as 20 milhões de toneladas. O Estado gaúcho estaria com a colheita ao redor de 40% da área total neste início de abril, enquanto o milho atingia a 80%.

Vale destacar que muitos analistas privados nacionais estão revendo para cima a safra total brasileira. Agora, em alguns casos, já se projeta uma colheita de até 137 milhões de toneladas de soja neste ano, com produtividade média de 59,3 sacos/hectare. No Mato Grosso, o Estado deixou de produzir um milhão de toneladas, devido a problemas climáticos, com a média ficando em 57,9 sacos/hectare. No Mato Grosso do Sul igualmente houve problemas e a média caiu para 58,6 sacos, enquanto Goiás recuou para 61,4 sacos/hectare. A Bahia aumentou sua produtividade média, atingindo a 67 sacos, o Piauí ficou em 57 sacos e o Maranhão em 54,7 sacos. No Tocantins, o clima provocou perdas importantes e a produtividade igualmente ficou em 54,7 sacos. Em Minas Gerais a mesma recuou para 62,5 sacos/hectare, enquanto São Paulo registrou 59,5 sacos, apesar de algumas áreas terem batido nos 100 sacos/hectare. No Paraná a média ficou em 61 sacos, enquanto em Santa Catarina a mesma atingiu a 62,1 sacos

e o Rio Grande do Sul a 57,9 sacos/hectare, com regiões atingindo acima de 90 sacos. (cf. Rally da Safra, promovido pela Agroconsult)

Quanto às exportações, segundo a Secex o mês de março fechou com um total ao redor de 13,5 milhões toneladas (a Anec avança 14,9 milhões exportadas). Para compensar o atraso nos embarques de fevereiro, o país deveria ter embarcado 19 milhões de toneladas em março. Com isso, abril pode atingir a 15 milhões de toneladas exportadas. Segundo a Anec o Brasil exportou, em 2021, um total de 16,4 milhões de toneladas, contra 17,1 milhões no mesmo período do ano passado. Espera-se um volume total no ano ao redor de 85 milhões de toneladas.

Em termos de comercialização, o volume negociado, em 02/04, atingia a 66,6% do total, ficando abaixo dos 71,5% da safra passada nesta época, porém, bem acima dos 57,1% negociados na média histórica. (cf. Datagro) Os produtores ainda esperam melhores preços o que parece ser uma aposta arriscada considerando as tendências futuras para Chicago e o câmbio no Brasil.

Já a safra futura, a de 2021/22, que ainda não foi plantada, o volume já vendido antecipadamente atingia, em 02/04, a cerca de 13% do esperado, ficando bem acima da média histórica que é de 7,4% nesta época, porém, inferior aos 19,9% negociados em 2020. Para esta nova safra, espera-se um aumento de 2,9% na área semeada, fato que, em clima normal, poderá elevar a produção final para um novo recorde, de 141,2 milhões de toneladas. Nestas condições, o volume já vendido antecipadamente fica em pouco mais de 18 milhões de toneladas, contra 27 milhões na mesma época de 2020. (cf. Datagro) No Mato Grosso, as vendas antecipadas atingiriam a 25% do total esperado. Também aqui o percentual é mais baixo do que normalmente ocorre.

Pelo sim ou pelo não, o momento continua sendo de preços excepcionais, melhorando consideravelmente as margens de ganho para a maioria dos produtores de soja brasileiros. Mas sempre é bom lembrar que tal realidade está fora da curva e, em algum momento, entre o segundo semestre e a colheita da nova safra, este quadro pode mudar. Assim, é o momento de capitalizar visando se preparar para os períodos menos positivos, já que o mercado, assim como a economia em geral, vive de ciclos de altos e baixos.

Neste sentido, vale destacar que, além da oferta, a grande incógnita está no comportamento da demanda chinesa. Sabe-se que a sustentação do mercado mundial da soja está na China nestes últimos anos. Ora, neste momento o país asiático freou parcialmente suas compras de soja, embora o mercado julgue ser um movimento de curto prazo. De fato, apenas se os novos focos de peste suína africana, surgidos na China, se espalharem é que poderemos assistir um processo mais duradouro de menos compras chinesas, repetindo 2018 e 2019. Caso contrário, é difícil imaginar os chineses comprando menos alimentos. Isso não significa que eles continuarão a aceitar os elevados preços internacionais da soja e outras commodities. Provavelmente os chineses irão tentar reduzir tais preços, aproveitando-se de seu forte poder de barganha.

Por enquanto, em termos de peste suína, o cenário chinês é de redução no alojamento de matrizes. Em janeiro houve queda de 5% nestes alojamentos e em fevereiro recuo

de mais 4,7%. Além disso, as carcaças registram recuo de 25% em seu peso médio, ficando em 90 quilos por animal. (cf. Agrinvest Commodities)

É bom lembrar igualmente que o Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais da China solicitou aos seus especialistas, em nutrição animal, que “busquem formulações de ração que utilizem menos milho e farelo de soja”. "A China está fazendo um esforço interno a fim de substituir o uso do milho", sendo que o país asiático, no acumulado de 12 meses até fevereiro, já registra um recorde de importação de outros cereais que chega a 24,7 milhões de toneladas, volume que é 162% maior do que o registrado no ano anterior. O movimento impacta também o consumo do farelo de soja. "A maior utilização de cereais com maior percentual de proteína está reduzindo o uso de farelo de soja. A prova disso vem através do maior uso de óleo de soja nas rações por conta do balanço energético". (cf. Agrinvest).

Mesmo assim, para este ano comercial a China deverá importar um total de 100 milhões de toneladas de soja junto aos três maiores produtores e exportadores: Brasil, EUA e Argentina. Até julho a soja brasileira é a mais barata do mundo, especialmente com o atual câmbio que praticamos. A partir de julho/agosto o produto dos EUA tende a ficar mais barato na medida em que se aproxima a nova colheita daquele país. De outubro a abril a China comprou 50,3 milhões de toneladas de soja dos três principais produtores mundiais, o que significa um aumento de 16% sobre o mesmo período do ano anterior. O volume comprado nos seis primeiros meses do ano comercial atual, portanto, é recorde histórico. Já nos primeiros seis meses do ano comercial dos EUA (setembro/20 a fevereiro/21) os EUA exportaram 54,05 milhões de toneladas de soja, sendo que 64% deste total foi para a China, superando em 9% o recorde anterior que foi em 2016/17.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram nesta semana, sendo que o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (08) em US\$ 5,79/bushel, contra US\$ 5,59 uma semana antes. A cotação deste dia 08/04, para o primeiro mês, foi a mais alta desde meados de julho de 2013.

O mercado aguarda o relatório de oferta e demanda do USDA, que sairá nesta sexta-feira (09), o qual iremos comentar na próxima semana.

Além disso, começam as atenções em torno do plantio nos EUA. Até o dia 04/04 cerca de 2% da área esperada com milho naquele país havia sido semeada, ficando dentro da média histórica para a época. Como de hábito o Texas é o Estado mais avançado, com 55% da área já semeada. Kansas está com 2%, Missouri, Carolina do Norte e o Tennessee com 1% cada um.

Por outro lado, o governo dos EUA projeta uma exportação de 67,3 milhões de toneladas de milho neste ano comercial. Porém, há preocupações com a possibilidade de a China não comprar as mesmas 24 milhões de toneladas do ano anterior em função do retorno de focos da peste suína africana e de indicativos de que os chineses

estão procurando consumir outros cereais nas rações, mais baratos do que atualmente o milho.

Na semana anterior os EUA embarcaram 1,9 milhão de toneladas de milho, ficando dentro do esperado pelo mercado. Assim, neste ano comercial o país norte-americano já embarcou 35,7 milhões de toneladas, ou seja, 86% a mais do que igual momento do ano anterior.

Aqui no Brasil, os preços do cereal continuaram subindo, levando o mercado a indicar que, neste momento, o produtor brasileiro deveria privilegiar a venda da soja e guardar o milho. Este raciocínio se dá pelo fato de que a tendência futura é de preços ainda mais firmes para o milho no mercado interno brasileiro, diante de uma soja que pode ver seus preços um pouco mais baixos.

Assim, a média gaúcha no balcão ficou em R\$ 79,75/saco no fechamento desta semana, enquanto nas demais praças nacionais o saco de milho girou entre R\$ 72,00 e R\$ 95,00, dependendo da região do país, sendo que o CIF Campinas fechou em R\$ 97,00/saco. Já na B3 o contrato maio iniciou a quinta-feira (08) em R\$ 99,49/saco; enquanto julho estava em R\$ 95,00; e setembro em R\$ 89,75.

A colheita de verão em volume menor e forte demanda têm mantido os preços internos do milho em elevação. Neste momento já há pouco milho disponível no mercado livre, enquanto existem muitas incertezas quanto a produtividade que a safrinha trará, diante dos problemas climáticos existentes.

Vale ainda lembrar que, além do clima, colaborou para a quebra da safra de verão o ataque da cigarrinha-do-milho em muitas regiões do país. Em Santa Catarina, por exemplo, a quebra na safra chegou a 20% do esperado, com a produção ficando ao redor de 2 milhões de toneladas. No Rio Grande do Sul foi o clima seco na primavera que levou a uma quebra de 50% na produção.

E neste momento o mercado já está preocupado com o que poderá vir da safrinha. Analistas privados indicam uma produção de 78,3 milhões de toneladas, contra 83,9 milhões projetadas em janeiro. Isso significa uma redução de quase 7% já agora. Neste novo contexto, a produtividade média da safrinha ficaria em 91,6 sacos/hectare. (cf. Agroconsult)

No Mato Grosso, a safrinha foi semeada com 38% da área fora da janela climática ideal, fato que ocorreu, em percentuais distintos, na maioria dos Estados produtores. Além disso, se faltar chuva no Centro-Oeste e/ou ocorrer geadas precoces no Paraná, a quebra da safrinha será ainda maior. Neste momento, há projeções de clima seco para as próximas semanas junto as regiões produtoras.

Por enquanto, em ficando as coisas como estão, a safra total de milho no Brasil deverá ser de 103 a 109 milhões de toneladas, ou seja, abaixo dos volumes otimistas projetados até há poucas semanas. Apesar disso, ainda se esperam exportações ao redor de 34,3 milhões de toneladas por parte do Brasil neste ano. Diante de um consumo interno projetado em 72 milhões de toneladas, tal quadro poderá reduzir os estoques finais para menos de 10 milhões de toneladas neste ano, pressionando os preços para cima.

Em termos de comercialização, a safra de verão 2020/21, no Centro-Sul brasileiro, já está 44,2% vendida, contra 34% na média histórica para esta época. Já as vendas antecipadas, na região, relativas a safrinha, atingiam a 48,8% até o dia 02/04, contra 39,4% na média histórica.

Enfim, segundo a Secex, nos 23 dias úteis de março o Brasil exportou 294.489 toneladas de milho, ficando apenas 35,8% do total exportado em fevereiro, que atingiu a 822.892 toneladas. Assim, em março foram embarcados 62,3% de tudo que foi exportado em março de 2020. Desta forma, a média diária de embarques de milho em março ficou 72% menor do que a média de fevereiro e 46,4% menor do que a média de março de 2020. O preço da tonelada exportada se elevou 27,7% no ano, se estabelecendo em US\$ 248,30.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago se elevaram também nesta semana. No fechamento da quinta-feira (08) o primeiro mês cotado ficou em US\$ 6,28/bushel, contra US\$ 6,11 uma semana antes.

O plantio do trigo de primavera, nos EUA, atingia a 3% da área esperada em 04/04, ficando dentro da média histórica.

Já os embarques de trigo por parte dos EUA subiram para 594.032 toneladas, ficando acima do esperado pelo mercado. Na semana anterior os mesmos tinham chegado a 250.100 toneladas. Com isso, em todo o ano comercial atual, os EUA já exportaram 20,9 milhões de toneladas do cereal, volume semelhante ao realizado no mesmo período do ano anterior. O principal comprador foi a China nestas semanas.

Na vizinha Argentina, diante de preços em bons níveis, a expectativa é de que o plantio de trigo na safra 2021/22 aumente. O que pode impedir esta evolução está no fato de que a moagem interna do cereal está em seu nível mais baixo nos últimos cinco anos.

No Brasil, os preços do trigo continuam firmes, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 79,07/saco, enquanto no Paraná o produto já alcança R\$ 87,00. Mesmo com um mercado em ritmo lento, os preços sobem. Em março, o preço médio do trigo disponível (negociações entre empresas) no Estado gaúcho subiu 0,6% sobre fevereiro e 61,9% sobre março de 2020. Já no Paraná a alta sobre fevereiro chegou a 2,2% e sobre março do ano passado 45,7%. No Rio Grande do Sul a média do saco de trigo neste mercado disponível bateu em R\$ 87,23, enquanto no Paraná a mesma ficou em R\$ 91,42.

Enfim, vale destacar que, diante dos altos preços, a região de Campos Novos, em Santa Catarina, deverá igualmente aumentar a área de trigo em 2021. O incremento na venda de sementes atingiu a 60% sobre o ano anterior. Somente nesta região a área plantada deverá crescer 43%, para atingir a 10.000 hectares. É o primeiro aumento de área na região desde 2011.

Um dos atrativos está no custo de produção em relação aos preços. Em 2019 o custo total chegou a 76,3 sacos/hectare, já que o valor do produto em abril daquele ano era de R\$ 42,00/saco. Em 2020 foram necessários 64,53 sacos/hectare para pagar os custos, visto que o preço em abril ficou em R\$ 50,00. Agora em 2021, o custo baixou para 46,03 sacos/hectare diante de um preço, neste início de abril, de R\$ 85,00/saco. Tais custos, feitos pela Cooperativa Coopercampos, não inclui arrendamento.

Dito isso, a nova safra de trigo começou a ser plantada no Paraná, com a região de Cascavel registrando 1% de área semeada neste início de abril, segundo o Deral. A partir de agora, em o clima ajudando, o avanço da semeadura será importante.

Enfim, pelo lado do consumo interno, o mercado da farinha de trigo continua preocupado, pois a demanda em março não reagiu, fato que dificulta o repasse dos preços da matéria-prima, em alta, criando problemas de viabilidade econômica aos moinhos. Esta situação pode, mais adiante, forçar um recuo nos preços do trigo aos produtores rurais, especialmente se a safra nova vier cheia.